



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

12 de julho de 2018

Notícias do Dia
Capa e Entrevista

“Prioridade para saúde e segurança”

Prioridade para saúde e segurança / Entrevista / Pré-Candidato ao Governo
/ Santa Catarina / Eleições 2018 / PSOL / Leonel Camasão / Mestre em
Jornalismo / UFSC / Jornalista

ELEIÇÕES 2018

PRÉ-CANDIDATOS



DIVULGAÇÃO/ND

**Camasão quer
priorizar saúde
e segurança**

Pré-candidato ao governo pelo PSOL
defende o “Estado Máximo” para
os setores públicos considerados
essenciais. PÁGINA 9

A SÉRIE

O GRUPO RIC APOSTA NA INFORMAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA O VOTO CONSCIENTE. A SÉRIE DE ENTREVISTAS COM OS PRÉ-CANDIDATOS DISCUTE TEMAS RELEVANTES PARA A SOCIEDADE CATARINENSE

Na TV

Assista à série de entrevistas no 'SC no Ar', pela RIC TV Record, a partir das 7h.

Jorginho Mello (PR)
Esperidião Amin (PP)
Paulo Bauer (PSDB)
João Paulo Kleinübing (DEM)
Décio Lima (PT)

Gelson Merisio (PSD)
Mauro Mariani (MDB)
Rogério Portanova (Rede)
Leonel Camasão (PSOL)



Prioridade para saúde e segurança

Pré-candidato ao governo, Leonel Camasão (PSOL) defende revisão de contratos, auditorias na saúde e investimento a longo prazo na segurança pública

Leonel Camasão (PSOL) disputa o cargo de governador de Santa Catarina pela primeira vez. Mestre em jornalismo pela UFSC, ele é natural de São Paulo e mora em Santa Catarina desde 2001. Em 2012 foi candidato à prefeitura de Joinville e em 2014 disputou uma vaga como deputado estadual. Foi dirigente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina e presidiu o PSOL estadual em 2013.

Para combater a crise financeira do Estado ele aposta na revisão de isenções fiscais a grandes empresas e uma reforma tributária. Para reverter os problemas na segurança pública, Camasão defende investimento a longo prazo em saúde, educação, assistência social e geração de emprego. Na saúde, quer fazer uma revisão de contratos e auditorias internas, especialmente nas organizações sociais. ●



Camasão defende a extinção das agências regionais

Leonel Camasão (PSOL) ■ jornalista

CANDIDATURA AO GOVERNO

Temos feito uma discussão no PSOL de que é necessário que a população ocupe os espaços políticos. A política no nosso país vem sendo ocupada por grandes empresários, banqueiros, ruralistas, pessoas de famílias tradicionais e nós entendemos que pelo PSOL é importante que o cidadão comum, o trabalhador, artistas, jornalistas, possam ocupar o espaço de poder e ajudar a decidir os rumos do país. Nos últimos 40 anos são esses setores que têm usufruído do poder no governo e o resultado não tem sido bom.

CRISE FINANCEIRA

O nosso Estado faz um grande número de isenções fiscais para empresas em um volume tão alto que chega a superar em alguns casos o investimento em saúde e educação somados. Muitas empresas de porte grande deixam de pagar impostos enquanto o cidadão comum paga impostos demais. Hoje temos uma carga tributária chamada de regressiva, ou seja, quanto menos você ganha, mais você paga proporcionalmente. Os muito ricos às vezes gastam até 5% do que ganham em impostos e os mais pobres gastam até 60%. Precisamos fazer uma grande reforma tributária, rever as isenções fiscais e alterar a maneira como se gasta o dinheiro público. Santa Catarina é um Estado rico, arrecada muito, foi um dos últimos a entrar na crise e está sendo um dos primeiros a sair.

SEGURANÇA PÚBLICA

Esse é um problema de caráter nacional, não apenas sobre o número de policiais, de viaturas e armas. Temos o entendimento de que violência gera mais violência. Alguns setores da sociedade defendem um Estado mais policial, a violência como resposta. Isso não tem demonstrado resultados em nenhum lugar do mundo. O problema de segurança pública é algo de longo prazo, precisamos investir em saúde, educa-

ção, assistência social, geração de emprego e renda e oportunidades. É preciso dizer que o problema da violência, em especial dos assassinatos, é localizado na população de Santa Catarina. Atinge majoritariamente homens negros e jovens nas periferias, mulheres, e infelizmente o governo ainda não faz essa estatística, mas atinge a população LGBT. Essa discussão que hoje se tem de representatividade não é só de aparecer na televisão, mas sim uma questão de segurança pública. Não é uma coincidência que essas populações sofram mais assassinatos não só no nosso Estado, como em todo o país.

SAÚDE PÚBLICA

Precisaremos fazer uma grande revisão dos contratos, auditorias em todos os setores, não só na saúde, em especial naquilo que atinge as organizações sociais, que na saúde são mais presentes que em outros setores do Estado. Nós entendemos que esse modelo no curto prazo aparenta ser mais barato e eficiente, mas no médio prazo de experiências que temos visto no Brasil tornam ele mais caro, mais ineficiente e muitas vezes alvos de investigações de corrupção. O governo deve garantir o interesse da população acima do interesse econômico e nem sempre as organizações sociais, as empresas terceirizadas, têm o mesmo interesse, existe um conflito. Entendemos que é preciso revisitar esses contratos, reavaliá-los para verificar de que forma vamos combater esse rombo.

AGÊNCIAS REGIONAIS

Desde 2010 quando o PSOL lançou o companheiro Valmir Martins ao governo do Estado nós defendemos a extinção das secretarias de desenvolvimento regional. O governador extinguiu uma parte, mas mantém ainda 15 dessas estruturas, e entendemos que são usadas mais para fazer caber na estrutura do Estado os partidos aliados do que efetivamente es-

truturas para fazer serviços para a população. Hoje se tem um debate na sociedade sobre Estado mínimo e Estado grande. Sempre que se fala de Estado mínimo temos que perguntar: mínimo onde? Na saúde e educação ele tem que ser máximo, ser serviço para atender a população, mas em Santa Catarina é ao contrário. Nós já fomos o Estado com maior número de secretarias de primeiro escalão do Brasil, foram 54. A aliança que governa o Estado era muito ampla e precisava caber muita gente. Entendemos que temos que fazer diferente e não é com loteamento de cargos que vamos melhorar a qualidade do serviço público em Santa Catarina.

ALIANÇAS POLÍTICAS

Temos uma aliança já afirmada com o PCB com a socióloga Caroline Bellaguarda que vai compor de vice na nossa chapa. O PSOL também vai apresentar duas candidaturas ao senado: o professor Pedro Cabral, de Florianópolis, e o professor Antônio Campos, de Chapecó. É uma chapa ao senado que representa dois extremos do nosso Estado, mas também em defesa da educação formada por dois professores. Hoje o PSOL tem uma tradição de lançar candidaturas próprias, entendemos que quem tem projetos para o Estado e o país precisa lançar candidatura própria e não apenas fazer alianças em troca de tempo de televisão. Essa coisa da velha política que as pessoas já estão cansadas. Nós vamos de cara própria com essa aliança de esquerda para concluir um projeto alternativo para Santa Catarina.

“**Sempre que se fala de Estado mínimo temos que perguntar: mínimo onde? Na saúde e educação ele tem que ser máximo, ser serviço para atender a população, mas em Santa Catarina é ao contrário.**”

REPRODUÇÃO

Notícias do Dia Capa e Plural "Símbolo da resistência roqueira"

Símbolo da resistência roqueira / Gota / Comerciante / Luiz Antonio Menegotto / Formado em Psicologia / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Roots Records / Dia Mundial do Rock



Plural 16. NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, QUINTA-FEIRA, 12 DE JULHO DE 2018

Editor: **DARIENE PASTERNAK**
pasternak@noticiasodia.com.br

Símbolo da resistência roqueira

Gota transformou sua loja de discos em reduto dos fãs do estilo em Florianópolis

DANIEL SILVA
Especial para o Notícias do Dia

Não seria exagero dizer que o rock deu tudo ao comerciante Luiz Antonio Menegotto, 55. Formado em psicologia na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), o proprietário da Roots Records largou um emprego burocrático para ganhar a vida vendendo discos. Ao longo dos 27 anos da loja, ponto obrigatório de visita no ARS, no Centro, muita coisa mudou nesse mercado, mas a paixão de Gota — como é conhecido pelos amigos e clientes — pela música continua a mesma de quando comprou o primeiro LP: "Made in Europe", álbum ao vivo do Deep Purple, entre 1977 e 1978, na extinta Discolândia, no mesmo centro comercial. Uma história para relembrar no Dia do Rock, comemorado no mundo, amanhã, dia 13 de julho.

O contato inicial com a música, no entanto, foi um pouco diferente. Gota passava os dias na casa do avô, na avenida Mauro Ramos, enquanto os pais trabalhavam. Depois do almoço, era comum ouvir peças eruditas que mais funcionavam como sonífero. Hoje o clássico também faz parte do gosto do empresário, que se considera eclético (é um grande fã de reggae). A ascensão de bandas como Mutantes, Casa das Máquinas e Made In Brazil foi fundamental para a afirmação do rock como um estilo de vida.

Quando se deu conta, o seu quarto já estava abarrotado de discos, e os shows começaram a fazer parte da rotina. Viu Djavan, Rita Lee, Gilberto Gil, John McLaughlin e os locais Expresso Rural, Ratoness e o Grupo Burn, banda que Gota cita como uma das suas três preferidas ao lado de Deep Purple e Black Sabbath. "O Burn era o máximo. Eles geralmente faziam poucos shows, e, quando tocavam em outras cidades, eu juntava uma galera no carro e ia vê-los. Era bem legal", conta.

Quando se deu conta, o seu quarto já estava abarrotado de discos, e os shows começaram a fazer parte da rotina. Viu Djavan, Rita Lee, Gilberto Gil, John McLaughlin e os locais Expresso Rural, Ratoness e o Grupo Burn, banda que Gota cita como uma das suas três preferidas ao lado de Deep Purple e Black Sabbath. "O Burn era o máximo. Eles geralmente faziam poucos shows, e, quando tocavam em outras cidades, eu juntava uma galera no carro e ia vê-los. Era bem legal", conta.

Gota testemunhou as mudanças nas últimas décadas. Amanhã é o Dia do Mundial do Rock e a Capital e a região terão semana intensa de programação

Mudança radical na carreira

■ Gota tem saudade da época em que se correspondia com pessoas de todo o mundo por carta e trocava fitas cassete e discos. Segundo o comerciante, era mais sincero do que a era das redes sociais e do streaming.

A história de vender LPs começou na própria universidade. Até a formatura do curso tem relação com o rock. Logo após a colação de grau, em 16 de dezembro de 1986, na Assembleia Legislativa, saiu correndo para assistir o Made In Brazil no SESC. "Lembro que meu pai, minha mãe e minha avó foram. Nem bati foto com eles, tirei a boca toda e me despedi deles", diverte-se.

Antes de fundar a Roots Records, oficialmente em 1992 (o registro no

Junta Comercial é de 1991), o comerciante trabalhou como psicólogo em algumas instituições, mas nunca se satisfaz com o retorno financeiro que a carreira proporcionava. A sorte mudou quando foi contratado por um escritório de contabilidade e ganhava mais trabalhando apenas meio período. O objetivo de abrir uma loja já estava na cabeça e, para chegar lá, Gota começou a acumular discos e contou com um "poltrocinio" para dar o pontapé inicial no sonho.

Para sobreviver à substituição do LP pelo CD, do VHS pelo DVD, o próprio DVD pelo Blu-ray, o MP3 e os serviços de streaming (Spotify, Deezer e afins), Gota teve de reinventar a loja em diversas épocas, oferecendo novos produtos, como camisetas e acessórios. Nesses quase 30 anos, não se arrepende de nada, afinal, foi na Roots Records onde conheceu a mulher, Lilian. Manter o espaço, também, é visto como um ato de resistência.

"A vida se resume a escolhas e consequências. Tenho vários amigos que se formaram comigo e vêm aqui com os filhos. A música era uma mania que virou trabalho. Conheci a Lilian, casamos, constituímos família e estamos juntos até agora. O diferencial é que gosto do que faço. Não estou aqui por dinheiro. Muitas pessoas entram como clientes e saem como amigos. Isso faz diferença. O rock transformou a minha vida", comenta.

O rock nunca vai morrer

■ Testemunha de todas essas mudanças nas últimas décadas, Gota está vendo a maioria das suas bandas preferidas encerrarem as atividades, como é o caso do Black Sabbath. E se engana quem acredita que esse cenário o preocupa. Pelo contrário. Para o Senhor Roots, o rock nunca vai morrer: "O negócio renasce, só muda de nome", decreta.

O QUÊ: 6ª Semana do Rock Catarinense
ONDE: São José e Florianópolis
QUANDO: de 12 a 22 de junho
QUANTO: Grátis, quase de graça (mínimo R\$ 5) e R\$ 50 (Orquestra Manancial da Alvorada & OSSCA)
MAIS INFORMAÇÕES: www.srcart.br

Notícias do Dia Capa e Cidade

“TRF4 nega recurso de professor”

TRF4 nega recurso de professor / Tribunal Regional Federal / Ato de Improbidade Administrativa / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Polícia Federal / PF / Ação Civil Pública / MPF / Ministério Público Federal / Departamento de História / Paulo Pinheiro Machado / Tráfico de drogas / 2ª Vara Federal de Florianópolis / Justiça Federal



6.Cidade NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, QUINTA-FEIRA, 12 DE JULHO DE 2018

TRF4 nega recurso de professor

Tribunal mantém processo por ato de improbidade administrativa contra docente da UFSC

O TRF4 (Tribunal Regional Federal da 4ª Região) manteve o processo por ato de improbidade administrativa contra um professor da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) pela participação em um confronto entre agentes da Polícia Federal e alunos da instituição. A decisão foi proferida no final de junho.

A ação civil pública foi ajuizada pelo MPF (Ministério Público Federal) contra o professor do Departamento de História da UFSC Paulo Pinheiro Machado. O órgão buscava a condenação dele e de outros professores e servidores da universidade pelo envolvimento dos réus no confronto, ocorrido no dia 25 de março de 2014, entre agentes da PF e estudantes da UFSC em uma operação destinada ao combate de tráfico de drogas

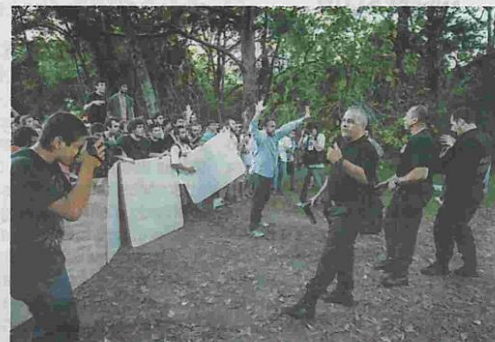
no campus de Florianópolis, ocorrida no bosque da universidade. A Polícia Federal indiciou 34 pessoas – quatro professores, 28 alunos e duas pessoas sem relação com a UFSC.

O MPF argumentou que o comportamento do professor no episódio, incitando e liderando os alunos contra a ação policial, configurou deslealdade às instituições republicanas e causou depredação de patrimônio público e dano imaterial à imagem da UFSC, da PF e de seus agentes. A 2ª Vara Federal de Florianópolis aceitou a ação civil pública considerando existir indícios suficientes de autoria e materialidade da conduta atribuída ao réu que justificavam o prosseguimento do processo de improbidade administrativa.

O professor recorreu ao

TRF4 da decisão de admissão da ação, mas teve o recurso negado, por maioria, em julgamento da 3ª Turma. A relatora do agravo de instrumento na corte, a desembargadora federal Marga Inge Barth Tessler, entendeu que “por ora, a existência de indícios da prática de ato de improbidade é suficiente a amparar o processamento da ação civil pública”.

Para ela, a ação deve ser mantida pela Justiça Federal catarinense, pois para a fase processual de admissibilidade inicial, em casos de improbidade administrativa, o juiz deve “possibilitar o maior resguardo do interesse público”. Dessa forma, a certeza da prática ou não de ato de improbidade pelo réu, nesse caso, é uma questão que será resolvida somente pela sentença do processo. ●



Professor (ao fundo, de braços levantados) e estudantes no confronto com policiais federais, no dia 25 de março de 2014

34
pessoas foram indiciadas pela Polícia Federal após confronto durante operação ao combate de tráfico de drogas na UFSC

Tecnologia emprega 47 mil pessoas em SC / Santa Catarina / Acate / Associação Catarinense de Tecnologia / Neoway / Observatório Acate - Panorama 2018 / Tecnologia da Informação e Comunicação / Gabriel Sant'Ana Palma Santos / Professora / Departamento de Engenharia do Conhecimento / UFSC / Clarissa Stefani Teixeira / Empreendedorismo / Startups

QUINTA-FEIRA, 12 DE JULHO DE 2018

DIÁRIO CATARINENSE 6

ECONOMIA

TECNOLOGIA EMPREGA 47 MIL PESSOAS EM SC

LEVANTAMENTO MOSTRA AINDA que número de empresas do setor cresceu 13,8% de 2015 a 2017

ROELTON MACIEL
roelton.macielt@somosnsc.com.br

A vocação de Santa Catarina no campo tecnológico representa uma das principais engrenagens produtivas do Estado: 5,6% da economia estadual é impulsionada pelo setor. Esta fatia é resultado de um faturamento de R\$ 15,5 bilhões no segmento da tecnologia catarinense no ano passado.

Os dados estão no Observatório Acate - Panorama 2018, estudo da Associação Catarinense de Tecnologia (Acate) em parceria com a Neoway, lançado ontem em Florianópolis. O Estado concentra 12,3 mil empresas de tecnologia, com mais de 16 mil empreendedores e cerca de 47 mil funcionários. Cada empreendimento teve receita média de R\$ 1,25 milhão no ano passado.

Entre 2015 e 2017, Santa Cata-

rina ganhou 1,5 mil novos negócios - de 10,8 mil para 12,3 mil, crescimento de 13,8%. Considerando a relação entre o número de pessoas que trabalham na área de tecnologia para cada 100 mil habitantes, hoje o Estado tem a terceira maior proporção de empregados ligados ao setor no país, além de concentrar o quarto maior faturamento médio no segmento (veja mais abaixo).

Maior polo tecnológico do Estado, a Grande Florianópolis alcança destaque nacional. Com quase 4 mil empresas, a região gera faturamento de R\$ 6,4 bilhões e emprega 16,5 mil pessoas. Proporcionalmente, a Capital é líder nacional de profissionais empregados na área da Tecnologia da Informação e Comunicação.

Apesar de o faturamento do Estado no campo tecnológico ter apresentado queda em relação a 2015 (-17,2%), o resultado é atribuído à crise econômica que também afetou outros setores. Para o diretor-executivo da Acate, Gabriel Sant'Ana Palma Santos, o período também leva empreendedores a buscarem a tecnologia como forma de redução de custos, o que traz oportunidades ao setor.

Normalmente, as empresas tecnológicas conseguem se adaptar às variações de mercado muito mais rapidamente do que as da indústria de base. Os negócios que trabalham com inteligência têm mais facilidade porque trabalham com capital humano - avalia.

ESTADO É VITRINE PARA O PAÍS, AFIRMA ESPECIALISTA

A oferta de instituições de ensino voltadas à tecnologia, empreendedorismo, formação de startups e inovação é um dos fatores que impulsiona o segmento tecnológico catarinense. Doutora em engenharia de produção e professora do Departamento de Engenharia do Conhecimento da UFSC, Clarissa Stefani Teixeira destaca que Santa Catarina tem como diferencial o que chama de "articulação do ecossistema" no segmento, além de um importante "habitat de inovação".

Como exemplo, ela cita a rede de investidores privados, o aporte de recursos do Estado em iniciativas como o Pacto Pela Inovação, e ações de entidades como o Sebrae. As próprias startups já consolidadas no Estado, segundo ela, ajudam a impulsionar o mercado a partir da realização de eventos.

É um somatório de esforços, em que as grandes instituições estão em prol da inovação. É um fator relevante, que mostra o diferencial do Estado. Temos recebido uma quantidade significativa de pessoas que vêm saber das iniciativas. Demonstra que o Estado está na vitrine do país - analisa.

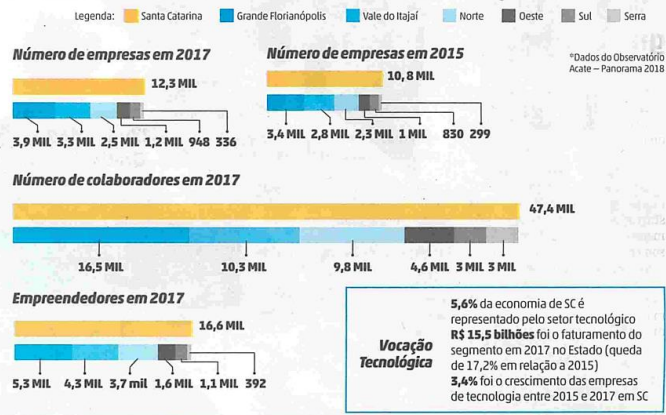
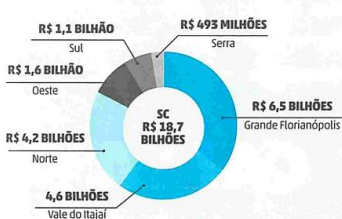


RAIO X DO SETOR

Faturamento total por região (2017)



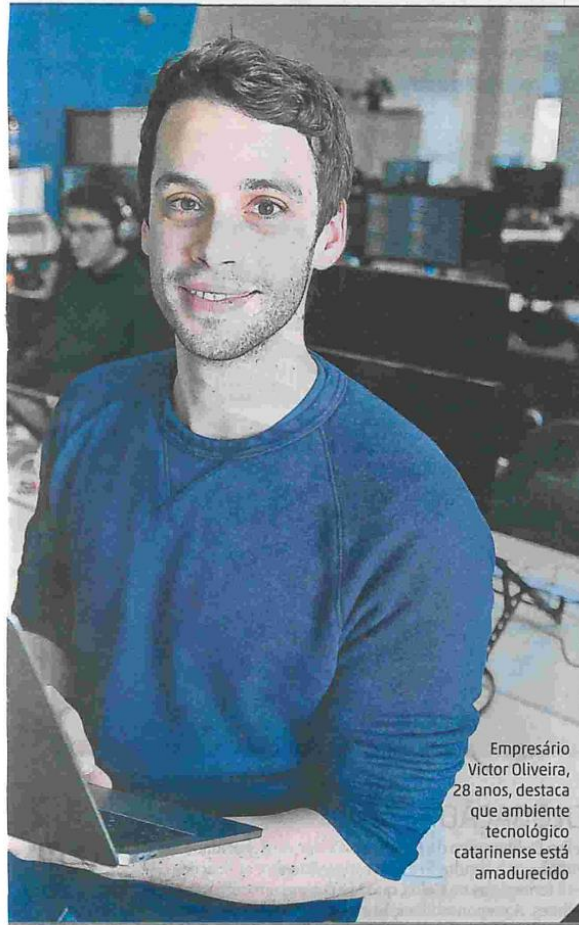
Faturamento total por região (2015)



5,6% da economia de SC é representado pelo setor tecnológico
R\$ 15,5 bilhões foi o faturamento do segmento em 2017 no Estado (queda de 17,2% em relação a 2015)
3,4% foi o crescimento das empresas de tecnologia entre 2015 e 2017 em SC

Vocação Tecnológica

Densidade de profissionais ligados ao setor no país (por 100 mil habitantes)	Maior faturamento médio no país (em R\$ milhões)	Cidades com maior densidade de profissionais (por 100 mil)
1º Amazonas 1.002	1º Amazonas 4,2	1º Florianópolis 2.553
2º Distrito Federal 976	2º Rio de Janeiro 2,0	2º Manaus 1.911
3º Santa Catarina 660	3º Distrito Federal 1,5	3º Blumenau 1.822
	4º Santa Catarina 1,2	8º Joinville 1.079



Empresário Victor Oliveira, 28 anos, destaca que ambiente tecnológico catarinense está amadurecido

“No Brasil, já somos um dos grandes polos”, diz empresário

Imagine quatro colegas de faculdade entendidos de computação, sem muito dinheiro, dividindo o mesmo apartamento com o objetivo de montar a própria empresa. Parece roteiro de seriado norte-americano, mas em Florianópolis foi assim que nasceu uma startup voltada ao desenvolvimento e design de aplicativos personalizados. Criada em 2013, com uma ajuda de custo dos pais dos fundadores nos primeiros meses, hoje a Cheesecake Labs atende mais de 20 clientes, aproximadamente 70% deles de fora do país.

Particularidades à parte, a empresa ilustra a história comum das startups que surgem e prosperam no ambiente tecnológico a partir de ideias inovadoras. Um dos sócios e CEO da Cheesecake, Victor Oliveira, 28 anos, descreve o próprio negócio como uma forma de startup, devido à perspectiva organizacional da sociedade e ao baixo investimento inicial, mas também como empresa estabelecida, por causa dos resultados já alcançados.

A expectativa do negócio é alcançar 70 colaboradores em 2018.

ECOSSISTEMA PARECIDO COM O DE CIDADE DOS EUA

Com a experiência de ter sido um dos primeiros programadores da Uber e morar um ano no Vale do Silício - região de San Francisco, no Estados Unidos, que concentra empresas de tecnologia -, Victor vê o ambiente tecnológico catarinense amadurecido e arrisca uma comparação com a capital catarinense.

- No Brasil, já somos um dos grandes polos. Cada vez mais Florianópolis parece San Francisco. Não só pela ponte, mas pela quantidade de eventos que você consegue ir, o número de empresas que começam a fazer parcerias e construir coisas. Em número de iniciativas, envolvimento das pessoas e engajamento, já vejo Florianópolis como um ambiente bem maduro. Ao mesmo tempo, há muito espaço para crescer - destaca o empresário.

**Notícias do Dia
Janine Alves**

“A solidez de um setor que gera 5,6% do PIB estadual”

A solidez de um setor que gera 5,6% do PIB estadual / Tecnologia /
Universidade Federal de Santa Catarina / Professor / Carlos Alberto
Schneider / Fundação Certi / Celta / Centro para Laboração de Tecnologias
Avançadas / Associação de Empresas de Tecnologia / UFSC / Incubadora /
Parque Tecnológico Alfa / ParqTec Alfa / Acate / Neoway

Tecnologia

A SOLIDEZ DE UM SETOR QUE GERA 5,6% DO PIB ESTADUAL

Nos últimos anos o setor de tecnologia passou a ocupar um papel de destaque na mídia e na economia do Estado. Hoje as empresas catarinenses exportam tecnologia de ponta para todos os continentes. Mas esse case de sucesso começou a ser construído há mais de 40 anos por professores e alunos da Universidade Federal de Santa Catarina. Processo foi liderado pelo professor Carlos Alberto Schneider, que ganhou força com a criação da Fundação Certi em 1984 e posteriormente com a inauguração do Celta (Centro para Laboração de Tecnologias Avançadas) e da Associação de Empresas de Tecnologia em 1986. O objetivo inicial da incubadora era aproveitar o conhecimento e os talentos gerados pela UFSC. O Celta se transformou na maior incubadora da América Latina e foi referência para implantação de congêneres no Brasil. Em 1993 foi implantado o Parque Tecnológico Alfa (ParqTec Alfa), no bairro João Paulo, local onde está localizada a incubadora Celta. O ParqTec materializou e a proposta de um ambiente voltado para a inovação e ganhou força em outras regiões do Estado. Por aqui hoje se produz tecnologia com destaque para organizações de software, telecomunicações, mecânica de precisão, medicina, ótica, games, energia, etc., e o resultado não poderia ser mais compensador: o setor representa hoje 5,6% do PIB de Santa Catarina, conta com mais de 12 mil empresas e 47 mil colaboradores, segundo dados levantados pela Neoway em parceria com a Acate. ●

Notícias do Dia
Fabio Gadotti
"Descriminalização"

Descriminalização / UFSC / Conen / Conselho Estadual de Entorpecentes / Alberto Groisman / Professor / Maconha / Tratamento de doença

Descriminalização

Representante da UFSC no Conen (Conselho Estadual de Entorpecentes), o professor Alberto Groisman vai sugerir que seja realizado um levantamento sobre o número de pacientes do Estado que poderiam usar os derivados da maconha em tratamentos de doenças. A decisão foi em plenário no início do mês. Com o argumento de que falta base científica, não foi fechada uma posição sobre descriminalização ou não da droga.

Diário Catarinense
Artigo

"O sonho morreu com o bruxo"

O sonho morreu com o bruxo / Laudelino José Sardá / Diretor de editora / Franklin Cascaes / Peninha / Gelci José Coelho / Cultura açoriana / Turismo

ARTIGO

O SONHO MORREU COM O BRUXO



LAUDELINO JOSÉ
SARDÁ
Diretor de editora

Francin Cascaes, que faria 110 anos em 16 de outubro, premiou Floripa com a láurea Ilha da Magia. E confessou ao seu maior amigo, Peninha – Gelci José Coelho –, que seu sonho era ver a cidade ornamentada de bruxas, boitatá e tantas outras figuras mágicas que povoaram a terra pela imaginação fértil desse inenarrável pesquisador da cultura açoriana, ignorado pelos que só têm olhos para as praias, festas artificiais e turistas de areia e supermercado.

Nascido em São José, o bruxo, que morreu de descuido, encorajou nativos a entrar na UFSC para visitar o seu Presépio de Piteira. E, realmente, a universidade nunca recebeu tantos moradores da Ilha quanto naquela semana do começo dos anos 1980, em que Cascaes sentia a adoração popular por suas obras. E ele questionava: se os moradores da Ilha gostam, imaginem os turistas.

Com Peninha, Cascaes construiu um presépio natural debaixo da centenária

figueira da Praça XV. Mas não era isso que ele queria. Por que não ataviar a Ilha com "boitatás, lobisomens, fantasmas, feitiçeras, bruxas e embruxados que arrastavam suas sinas nas horas mortas da noite, pelas matas e na imensidão dos mares?" (trecho de seu livro).

A magia do seu Franquinho, como era conhecido, não é cultivada como deveria ser. Imaginemos, pois, numa Ilha tomada por lendas e bruxas, com trilhas apinhadas de lobisomens, as águas do mar revoltas, fazendo banhistas e turistas se vislumbrem, com medo e alegria ao mesmo tempo. Alguém tem dúvida de que o turismo da cidade ganharia uma guinada? Até o Rio do Brás se limparia.

A nossa Ilha é rica em cultura. Os artesanatos são singulares; a musicalidade é fantástica – Marcelo Muniz está lá em cima concordando –; o teatro é vibrante e as nossas histórias supimpas. Nem as escolas de 1º e 2º graus mostram a nossa cultura aos alunos. O ministro do Turismo, Vinicius Lummertz, disse, recentemente, em artigo, que sem cultura uma cidade não cria raízes no turismo. E é verdade. O que temos de esperteza é a Operação Veraneio, para maquiagem a Ilha. Por que não maquiagem a cidade com bruxas e lobisomens, nos 12 meses do ano? Floripa, mostre a tua alma.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[O espetáculo do frio em São Joaquim e suas belíssimas imagens](#)

[Primeiro dia dos Jogos Universitários teve abertura oficial e disputas intensas](#)

[TRF-4 mantém processo contra professor da UFSC que participou de confronto violento](#)

[Saúde e segurança são prioridades para o pré-candidato a governador, Leonel Camasão \(PSOL\)](#)

[Escarcha, Lhama com geada, roupas congeladas, modelo de frio e temperatura a -5°C em São Joaquim](#)

[Prefeitura de Brusque realiza 1º Ciclo de Formação da Rede Municipal de Ensino](#)

[Gota transformou sua loja de discos no reduto dos fãs do estilo em Florianópolis](#)

[Justiça mantém professor como réu em processo do caso 'Levante do Bosque' na UFSC](#)